

# DIÁSPORAS

*romance*

André Rosemberg







## PRÓLOGO

## O ENCONTRO

c. 1865

O carro de boi avança no passo preguiçoso da parelha. Amassa o barro mole que recebeu chuva à noite inteira. Duzentos metros adiante, atrás da cancela fechada, uma das muitas da fazenda do Imbé, um homem capina o mato. Está descalço, a calça de algodão mal cobre suas canelas. O torso é nu, e o suor faz reluzir sua pele. As mãos erguem a enxada, que tomba firme sob a força da inércia. De quina afiada, a lâmina lanha a terra, arranca o mato daninho pela raiz.

É manhãzinha ainda, mas o sol em Campos dos Goytacazes já abrasa. O homem despe-se do chapéu de aba larga, enxuga o sal ressequido que se reflete nas cicatrizes impingidas deste lado do Atlântico e nas escarificações que trouxe do lado de lá. Ao redor, o canavial em ponto de colheita também transpira. A umidade embaça o horizonte e filtra o azul do céu.

O homem abaixa a cabeça, suspende a enxada — zás — e de novo, e de novo, o movimento ritmado, sempre igual, desde a aurora. A cada golpe que a enxada dá, o homem retruca um ponto de jongo, maldiz a ferramenta, pragueja — nkumbí, o mesmo ronronar do leopardo — contra o trabalho ardido. Xinga somente para si, pois se desincumbe do serviço sozinho. É que foi colocado no castigo: dez chibatadas, ferros por uma semana e a solidão. Segundo o Vigário — dono daquela fazenda e

senhor de escravos — pecou contra a decência. Para distrair o cansaço e o enfado, o homem brinca que a enxada é como se fosse um parceiro de oito: ele desafia uma mandinga, baixinho — carreiro novo que não sabe carrear —, e a enxada retruca, zás; o carro tomba e o boi fica no lugar, e a danada desata o nó do refrão: zás!

Mesmo na peleja, às vezes o homem sorri, pois seu pensamento tem o dom de correr o mundo em liberdade; não há grilhão que possa prendê-lo em cativeiro. O homem ensinou ao pensamento a se despregar de seu corpo a qualquer hora do dia — não apenas na mansidão do sono. O homem sente os pelos eriçarem enquanto o pensamento desencarna devagar, coleando a pele, num espasmo de gozo. O pensamento aprendeu a ir-se embora, mesmo com o sol cheio, a bola amarela no céu, na labuta, no batuque, no tronco.

O homem, então, pede para que uma tartaruga, sábia e ladina, ajude o pensamento a vadiar longe dali, pegar o rumo das kumba, os caminhos que cortam sua terra natal, atravessar as florestas, as clareiras e os rios, até o outro lado do mar; e a lembrança do homem, solidária, vai vadear as barrancas do rio que banha seu imbo, a aldeia onde nasceu, escuta o rumorejo forte das corredeiras — o “chuá” a anunciar os que já se foram do mundo-de-cá —, passeia pela chana verdejante de capim e de massambala, graças à chuva que seu pai faz cair do céu. Se recorda do fogo sempre aceso, na frente do onjo, o Mba, pai do seu pai, sentado, à noite, mastigando a posta de peixe seco, animado pelo pangué que ele fuma

no cachimbo de barro, e pela quiçangua, que bebe em goles curtinhos, contando histórias de uma outra época, das guerras e dos bichos que costumavam conversar em língua de gente, tanto tempo atrás. O pensamento vai encontrar os meninos do imbo, correndo atrás de uma preá gorda, com as zagaias em riste; os meninos rindo e falando alto.

Lá mesmo, na beira do rio, na mata que acompanha suas águas, a lembrança empaca como cavalo diante da jararaca, e logo retoma seu caminho, agora agitada, aflita. E, à medida que avança, a lembrança retorce e aperta o estômago do homem. Sente ainda hoje — na boca da barriga — a dor da fome nas muitas vezes em que a chuva não veio; se lembra dos gafanhotos que atacavam o milharal; do visgo das doenças que faziam estourar feridas na pele, o vômito preto, o inchaço nos pés, as moscas que dizimavam o pouco gado que tinham. Pois também foi lá, na mata lindeira ao rio, que ele foi capturado a mando do temido Lyambula, também conhecido por D. António de Lencastre, o osoma de Bié, que o vendeu como escravo ao sertanejo Silva Porto.

A lembrança persevera, danada, tortuosa, um gosto amargo do jiló cru na boca. Ele fecha os olhos e se vê acorrentado no libambo, com outros homens e mulheres, andando na direção do poente, até que chegam — os homens, as mulheres e a lembrança — na beira do mar, em Benguela; e depois são engolidos pelas entranhas do navio. Eram mais de seiscentos malungos e malungas, encarcerados no porão, a fazer a Passagem do Meio até o

desembarque nesta terra de branco, onde foi vendido para o cônego João Carlos Monteiro, o vigário de Campos dos Goytacazes. Tanto tempo se passou... A lembrança vem se chegando mais perto até serenar, e, enfim, deságua mansa num dia de domingo, dia de descanso, no deleite que é deitar na esteira, ao lado de Isidoro, seu companheiro de vida, e prosear sobre as coisas sem importância, tomar aguardente, planejar um futuro em comum: uma roça, uma quitanda, uma casa longe dali, quando se livrarem do cativoiro. Isidoro da Cruz é carpinteiro prendado. Pode viver de suas artes. E ele? Ele seguiria Isidoro. Só os dois.

Um anu pia triste do alto do mourão, o capim marmelo cochicha com a brisa que bafeja, o homem se desfaz daquela recordação agridoce e agora troca o ponto de jongo por um canto de lamento, no idioma que seu pai lhe falava quando era criança: kulima kuvala katemo kange teka; a enxada — zás — não para de cavoucar o chão: nye watekela katemo kayevala ndém, ndém, ndém. Cultivar dói — resmungo a ladainha — minha enxada quebrou, porque quebrou, enxadinha soava ndém, ndém, ndém.

O vento de chuva sopra mais forte. O ronco da tempestade que se aproxima se impõe aos outros ruídos, ao anu, ao capim, à memória, ao lamento, às mãos calosas de Isidoro em seu rosto; se impõe ao rangido das rodas do carro de boi que arranham o eixo, sob o peso da carga. O homem olha para cima. Aprecia a dança das nuvens escuras, trombando umas nas outras. Mesmo passados

tantos anos, não se cansa de admirar a abundância de água que o céu derrama neste país distante, tão diferente da segura que amargava a terra do lugar de onde veio.

O homem não escuta o marulho do carro que — eia, boi — acaba de estacionar do outro lado da cancela. Também não ouve a primeira ordem que manda “negro, vem cá abrir a porteira”. Quando se dá conta do chamado, à contraluz, reconhece no condutor o menino, o nhonhinho, o filho do Vigário. A voz ainda impúbere do rapazote contrasta com o vigor da demanda:

— Vem rápido, molecão!

O mesmo raio de sol que atravessa o ar turvo e ressalta a queloide da marca de ferro entalhada nas suas costas, ofusca seu campo de visão. Com o dorso da mão, ele se defende da claridade. O homem sustenta o olhar do menino com o seu olhar. Não desvia; não recua nem avança o corpo. Só a raiva que faz pulsar a veia da têmpora. Um moleque desse... Mastiga um xingamento em sua língua natal — filho da puta. A voz mascada voeja no volume limite que instiga a dúvida: o que ele falou? O homem balança a cabeça com desdém, e só então arrasta as pernas e vai cumprir o que lhe foi ordenado. Ainda com os olhos do menino nos seus, consegue enxergar o ódio que deles exsuda. O ódio hereditário de quem tem a autoridade desafiada.

O homem sabe que vai apanhar. Pelas regras da terra para onde foi contrabandeado, a sova é tão certa como a morte. Então, o homem se assusta. É a risada aguda que

emana da boleia que faz seu corpo retesar. Quem gargalha lá de cima do carro é o nzumbi de Ngueve, seu irmão gêmeo, que morreu no parto, levando junto com ele sua mãe, Assuelela. É um riso estridente, de criança travessa, e se mistura com o mugido dos bois, tão impacientes como o menino que os conduz. O nzumbi zombeteiro que partiu cedo e quer se vingar dos que ficaram. É risada de mau agouro.

— Negro preguiçoso. Como é teu nome?

— José Benguela.

— Mas é muito petulante... Não ouviu chamar?

— Ouvi não.

— E estás cantando por quê? O trabalho é pouco? Negro folgado!

A parrelha de bois aproveita a parada, luta para afrouxar o pescoço na canga, ruminando um resto de capim.

— Negro atrevido... Eu me lembro de você, José Benguela.

E o menino olha divertido para o companheiro de viagem.

— Carlinhos, vê só que negro mais insolente, nem a bênção pediu — e, de novo, encarando o homem — você é o negro que pecou contra a decência na outra semana. Ficou de pau duro durante o sermão do Vigário, meu pai.

O menino se ergue. Um outro raio de sol risca de ouro a cabeleira do senhorzinho. O halo da luz ressalta a cor da pele do menino: a pele de quem vai bater é quase tão escura como a pele de quem vai apanhar. E, apesar do velo preto-preto que cobre a cabeça do menino, o homem sabe que a maldade vem da copa da mfuma, branca como o algodão quando suas folhas brotam em flor. Mfuma é a árvore-bruxa, sobre a qual pousam os abutres, com as penas tingidas de preto e branco, e que guardam o nzumbi daqueles que partiram há pouco tempo, mas que ainda insistem em conspirar por aqui, a malinar com as coisas do mundo-de-cá, como é o caso de seu irmão Ngueve.

— Zeca, deixa o negro em paz — tenta dissuadi-lo Carlos.

Mas o menino já coça o cabo do chicote, o castão é de prata entalhada, presente do Vigário, aquele que semeou sua mãe treze anos atrás, proprietário de doze escravos só na fazenda do Imbé, dentre os quais este homem que está prestes a levar uma surra; o Vigário, dono daqueles vastos alqueires e titular de muito boa reputação com os membros do governo de Campos dos Goytacazes e mesmo com os próceres da Corte. Conforme aprendeu com o genitor, o menino sabe bem que o bacalhau de cinco pontas se usa para fustigar besta-bicho; o cabo, para castigar besta-gente. Conhece de cór o ditado: no castão, a dor é mais doída, porque além de machucar, humilha.

— Vem cá, negro!

O homem retoma seu serviço, levanta a enxada e enterra a lâmina no chão.

— Vem cá, peste! Vem cá, atrevido.

O homem enxuga a testa e cospe a saliva grossa ao pé da cancela.

— Olha, Carlinhos, que danado...

Primeiro, o chicote vibra no lombo das reses, que arrancam com certo ócio. À passagem do carro, o homem se mantém impassível. Este moleque de merda não merece sua dor.

O homem não percebe, mas os bois, ao cruzarem a porteira, o encaram com olhar modorrento, sem pena nem pesar. O menino alisa a calça e faz como se lustrasse as botinas respingadas de barro. De propósito, procrastina a crueldade. Por fim, repuxa as rédeas, constringendo ainda mais a marcha do carro. Emparelha com o homem.

— Negro?! Ó, Benguela! Ô, sem vergonha.

Agora é o braço do menino que se ergue, o cabo do chicote em riste e, por fim, tomba de vez: zás; a testa do homem apenas erguida ganha mais um talho de onde mina sangue misturado com o barro que espirra de cada enxadada que mete naquela terra estrangeira.